

A «fritura» da EMBRAPA

LUÍZ ANTONIO DE CASTRO

Na década de 60, dizia-se que o Brasil não possuía potencial agrícola, porque a Amazônia era intocável, o Nordeste era seco e o cerrado infértil. Importávamos uva, maçã, trigo, ervilha e batata, produtos considerados sem perspectivas no Brasil. A produção de soja se restringiria ao Sul, tendo como limite o Paraná.

Esse era o pensamento vigente até meados da década de 70. A Embrapa foi então criada e realizou o maior investimento de formação de recursos humanos em agropecuária da história do País. A produção de grãos passou de 39 milhões de toneladas, em 1979, para cerca de 70 milhões em 1989. Os mitos começaram a cair. O cerrado transformou-se em um dos maiores produtores de grãos, graças às tecnologias produzidas pelo Centro de Pesquisas Agropecuária dos Cerrados, da Embrapa. A soja atravessou as fronteiras do Sul e chegou ao Equador, graças ao Centro de Pesquisas de Soja da Embrapa, em Londrina. A maçã e o trigo caminham para a auto-suficiência, como resultado das pesquisas da Empresa de Pesquisas Agropecuária de Santa Catarina e do Centro Nacional de Pesquisas de

Hortaliças da Embrapa, em Brasília.

Os rendimentos de apenas três culturas, nos anos 80, comparados com os dos anos 70: o arroz subiu 16,3%, o trigo subiu 25% e a soja subiu 50,5%. Esses incrementos de produtividade correspondem a dois bilhões de dólares anualmente, ou seja, a dez orçamentos anuais da Embrapa. Corresponde a 770 milhões de dólares anuais a economia de fertilizantes na cultura da soja, pelo uso de bactérias fixadoras de nitrogênio produzidas pelas pesquisas de Joanna Dobreiner, do Centro de Biologia de Solos da Embrapa, no Rio de Janeiro. O controle biológico da lagarta da soja, com o uso de Baculovirus como consequência das pesquisas do Centro de Pesquisas de Soja da Embrapa, significa uma economia anual de 120 milhões de dólares em inseticidas, que poluem e matam. Entretanto, o Brasil ainda vai importar este ano um bilhão de dólares em inseticida.

Os últimos mitos começaram a ser destruídos. Por meio da irrigação em ação coordenada entre a Codevasf e o Centro de Pesquisas Agropecuária do Trópico Semi-Árido da Embrapa, o Brasil está exportando fru-

tas, do pólo Petrolina/Juaqueiro, para Europa e Estados Unidos. Os recursos genéticos da Amazônia, em especial as palmeiras como o dendê, constituem alternativa energética tão significativa como o álcool da cana-de-açúcar.

Coincidentemente — e inexplicavelmente —, quando as safras de grãos passaram a aumentar no início da década de 80 e romperam o histórico patamar de 50 milhões de toneladas em 1979/1981, os orçamentos da Embrapa começaram a ser cortados.

Como consequência, a Embrapa veio a perder cérebros. De 1984 a 1989, a empresa perdeu 686 pesquisadores, e teve de reduzir drasticamente seus investimentos na formação de recursos humanos; não tem recursos para manter sua biblioteca e o seu sistema de informação, ou para os custos de suas pesquisas. Hoje os recursos para custeio de pesquisas na Embrapa não chegam a 15% do orçamento da empresa, e os salários são os mais baixos jamais praticados na Embrapa.

Recentemente a Embrapa entrou em greve. Com data-base em 1º de maio, seus funcionários, depois de cinco meses, não conseguiram ne-

nhuma reposição das perdas salariais devidas e concedidas a outras categorias.

A Constituição brasileira diz no seu artigo 218: "o Estado promoverá e incentivará o desenvolvimento científico, a pesquisa e a capacitação tecnológica".

Não deveria a Embrapa, como uma estatal eficiente, na opinião do próprio secretário de Administração, que atua em ciência e tecnologia, receber um tratamento diferenciado como determina a Constituição?

As supersafras não nos impressionam na Embrapa. Sabemos que os desafios são muito maiores. A Índia; com um território que tem cerca de um terço do território brasileiro e com dificuldades sócio-econômicas mais complexas que as nossas, produz 170 milhões de toneladas de grãos.

Faltam as plantas resistentes a insetos, vírus e doenças, que hoje no mundo já são produzidas por engenharia genética e que reduzem os custos com agrotóxicos. A Biotecnologia na Embrapa já sabe fazer essas plantas. Faltam aquelas resistentes à seca, mais eficientes quanto à absorção de fósforo. Falta o domínio efetivo da fixação biológica de nitrogênio em gramí-

neas, o que reduzirá ainda mais o consumo de fertilizantes derivados do petróleo.

São essas as nossas preocupações, que divulgamos para que fique claro à sociedade brasileira que nós, da Embrapa, sabemos quais os caminhos que levarão a agropecuária do Brasil a uma posição de competitividade com as grandes potências do Primeiro Mundo.

Isso não se fará sem uma instituição como a Embrapa, que queremos fortalecida, e não eternamente de pires na mão, discutindo questões salariais com burocratas que não têm nenhuma competência sobre as questões que acabamos de apresentar.

Por esta razão, voltamos à pergunta inicial, que agora dirigimos ao atual presidente da República como fizemos ao anterior: a quem interessa extinguir a Embrapa?

Se a sua extinção interessa à soberania do País, à geração de uma sociedade justa e ao futuro do desenvolvimento da agropecuária brasileira, acabem de vez com esta empresa, e não aos poucos, como vem sendo feito nos últimos anos.

Luiz Antônio Barreto de Castro é engenheiro agrônomo.